

Furtado sugere comissão pluripartidária para redefinir economia

por Maria Helena Tachinardi
de São Paulo

O economista Celso Furtado, que lançou ontem à noite, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo, o livro "A Nova Dependência — Dívida Externa e Monetarismo", acredita que o novo Parlamento deverá, no próximo ano, legitimar as bases de uma nova política econômica. Ele propõe, então, a constituição de uma comissão pluripartidária, com partidos do governo e da oposição, para redefinir a política econômica.

Em sua opinião, redefinir a política econômica significa: reciclar o setor público, reescalonar os projetos por ordem de prioridade, renegociar a dívida e retomar o crescimento,

pois em cinco anos — de 1981 a 1985 — a força de trabalho aumentará em 10 milhões de pessoas. "Seria uma injustiça, uma afronta, marginalizá-las", disse Furtado a um auditório completamente lotado, com mais de duzentas pessoas. Ele debateu suas idéias com os economistas Adroaldo Moura da Silva, Luís Carlos Bresser Pereira, Luís Antônio de Oliveira Lima e Luciano Coutinho.

Celso Furtado colocou-se radicalmente contrário à recessão como forma de atacar a inflação. Ela só se justifica em países em que é necessário esfriar a economia, reduzir a demanda e as importações. Mas a inflação brasileira, a seu ver, resulta do excesso de investimentos públicos, dos enormes subsídios concedidos ao setor privado e não de excesso de demanda. O setor privado, disse, é frágil, justamente devido ao aumento da recessão e às altas taxas de juros internas.

Furtado afirmou que "nós temos uma política monetária. Por esta razão, os juros são os mais altos do mundo. Além disso, o sistema de câmbio tem de ser passivo devido aos compromissos dos tomadores de empréstimos no exterior".

O ponto central do livro, explicou à platéia de economistas e alunos da FGV, é que não há nenhuma solução para o Brasil que não seja baseada na retomada do crescimento. Ele defendeu o fortalecimento do mercado interno, porque somente direcionar a economia para as exportações exigirá muito sacrifício da população.

Furtado terminou sua exposição, antes dos debates, dizendo: "Que não nos imponham uma doutrina que represente um compromisso com os que se beneficiaram de nossa situação — o sistema financeiro internacional". A dívida externa, no livro, é estudada como um aspecto do processo de transnacionalização do sistema econômico brasileiro.